

Psicologia: Teoria e Pesquisa
Jan-Abr 1995, Vol. 11 n° 1, pp. 007-012

Agressão em Crianças:

Influência de Sexo e de Variáveis Situacionais¹

Celina Maria Colino Magalhães²

Universidade Federal do Pará
Emma Otta
Universidade de São Paulo, São Paulo

RESUMO. – O objetivo da pesquisa foi investigar o comportamento agressivo de pré-escolares, em função de sexo e de onde em que esse tipo de comportamento foi observado: sala de aula, pátio e parque. Foram feitas 120 sessões de observação em uma creche pública, situada na zona oeste de São Paulo, que atendia a uma população de nível sócio-econômico baixo. Os sujeitos foram 20 crianças, 10 de cada sexo, com idade entre 5 e 6 anos. Cada sessão de observação focal durava 15 minutos, sendo feitas para cada criança: (a) uma sessão em sala, (b) quatro sessões no pátio da creche e (c) uma sessão fora da creche, durante visitas a um parque próximo. A frequência de incidentes agressivos foi significativamente maior para os meninos que para as meninas. A diferença entre os sexos manifestou-se não apenas na frequência dos incidentes, como também na qualidade destes. Agressões verbais foram raras, aparecendo apenas em incidentes com meninas. A incidência de agressão foi significativamente maior em pátio que no ambiente externo, não tendo sido encontradas diferenças sexuais na situação de pátio.

Palavras-chave: comportamento agressivo, crianças pré-escolares, diferenças sexuais.

Aggression in Children:

Influence of Sex and Situational Variables

ABSTRACT – Aggression in pre-school children was investigated as a function of sex and situational variables (patio, classroom and park). One hundred and twenty observations were made in a public nursery, located in the western section of São Paulo serving a low-income population. Subjects included 20 children, 10 of each sex, between five and seven years old. Each focal observational session lasted 15 minutes, and each child was observed in three settings: (a) one session in the classroom; (b) four sessions at nursery patio; (c) one session in a park during an excursion outside of the nursery. Analyses revealed that sex differences emerged, showing a significantly higher frequency of aggressive acts in males compared to females. Aside from frequency, behavioral differences were found with verbal aggression being rarely emitted, and only by females. Aggressive acts occurred more frequently at nursery patio than in the park, both in males and in females.

Key words: aggressive behavior, pre-school children, sex differences.

A busca dos fatores que desencadeiam a agressão tem sido preocupação de diversos autores. Existem aqueles que partilham a idéia da agressão como um instinto de combate, que o homem tem em comum com inúmeros outros organismos vivos. Encontramos Eibl-Eibsfeld (1970) e Lorenz (1973) como defensores dessa idéia. Outros advogam ser a agressão um comportamento aprendido. O ponto de partida dessa concepção é que o organismo possui uma capacidade de modificar o próprio comportamento e adaptá-lo a situações precisas em função das experiências adquiridas anteriormente. São defensores dessa concepção Bandura, Ross e Ross (1963) e Buss (1961). Outros, ainda, advogam ser a agressão um comportamento reativo, isto é, dependente de

condições situacionais particulares que provocam esse comportamento. Trabalham com a hipótese de que toda agressão é uma consequência da frustração e toda frustração origina uma forma de agressão. São partidários dessa idéia Dollard, Doob, Miller, Mowrer e Sears (1976).

Discutir a origem do comportamento agressivo é apenas parte do problema. Outro desafio é saber separar os diferentes processos comportamentais envolvidos e os numerosos fatores interagentes que os influenciam.

Uma forma de investigação que tem produzido resultados interessantes, acerca do comportamento agressivo, é a que envolve estudos observacionais e experimentais do comportamento de crianças. Nesses estudos, a manifestação de comportamentos agressivos tem sido relacionada a variáveis como: sexo e idade, interferência de adultos, respostas de outras crianças, espaço disponível, qualidade e variedade de brinquedos disponíveis.

As pesquisas com crianças que enfocam diferenças sexuais, tanto na frequência quanto na forma de agressão,

¹ Trabalho desenvolvido com auxílio do CNPq, em forma de bolsas para as autoras.

² Endereço: Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia Experimental, Rua Augusto Correia s/n Bairro do Guamá, 66000-000 Belém PA.

têm produzido resultados controversos. Mencionaremos alguns trabalhos que evidenciam essas controvérsias.

Blurton-Jones (1981/1972) realizou uma pesquisa com 25 crianças de 2 a 4 anos, de ambos os sexos, divididas em quatro grupos de seis a sete crianças. Cada grupo reunia-se duas vezes por semana, durante duas horas, em uma pequena sala com brinquedos, sendo os comportamentos de cada criança observados e registrados individualmente. Os resultados obtidos quanto aos comportamentos agressivos não mostraram diferenças significativas associadas ao sexo das crianças, mas indicaram uma frequência maior de comportamentos agressivos nas crianças mais velhas.

Blurton Jones e Konner (1973) estudaram as relações entre comportamento agressivo e sexo comparando crianças bosquímanas e londrinas de 3 a 6 anos de idade. Os meninos mostraram mais comportamentos agressivos nas duas culturas. Eibl-Eibesfeldt (1974), por sua vez, estudando agressão entre crianças bosquímanas, não encontrou diferenças associadas a sexo.

Smith e Green (1975), trabalhando com crianças de 2,5 a 5 anos, registraram, entre outras variáveis, a frequência de incidentes agressivos. Os resultados mostraram que os conflitos entre meninos eram mais prováveis que entre meninas e em grupos mistos.

Castro (1979) realizou uma pesquisa em 11 escolas municipais sobre a incidência de comportamentos agressivos em pré-escolares. Os sujeitos foram 1.100 crianças entre 3 e 6 anos. Foram registrados 790 incidentes, classificados quanto ao sexo dos envolvidos. A análise dos incidentes indicou que meninos e meninas diferiram significativamente na frequência com que se envolveram em interações agressivas, com os meninos excedendo as meninas. Essa diferença se manteve consistente ao longo da variação de idade.

Outros estudos têm revelado diferenças de gênero, condicionais às várias formas de agressão. Certas categorias de agressão revelam diferenças sexuais e outras, não. Constatou-se, por exemplo, que meninas pré-escolares exibem preferência por agressões verbais em oposição a formas físicas, verificando-se o inverso para meninos (Durrett, 1959; Green, 1933; Jersild & Markey, 1935; McCabe & Lipscomb, 1988; McIntyre, 1972). Em outros estudos, meninos têm mostrado alta frequência de ambas as formas, física e verbal (Barret, 1979; Hatfield, Ferguson, Alpert, 1967; Madsen, 1968; McGrew, 1972). Porém, em outros, não foram encontradas diferenças sexuais quanto a agressão verbal (Dawe, 1934; Madsen, 1968; Roff & Roff, 1940; Whiting & Edwards, 1973).

Pode-se observar, portanto, a existência de controvérsia, tanto no que diz respeito à frequência de agressão, quanto no que diz respeito a sua forma em relação à variável sexo. Assim, concordamos com Strayer e Moss (1986), quando afirmam que uma maior atenção deve ser dada a análise ontogenética das diferenças sexuais, a nível de frequência relativa e de organização das formas específicas de comportamentos agressivos.

Outra variável que tem sido relacionada com agressão, mas pouco investigada, é espaço disponível. Grande parte das pesquisas tem sido desenvolvida com animais em situação de laboratório. Uma exceção é o trabalho de Smith e Connolly (1981). Trata-se de um estudo observacional com 40 crianças pré-escolares, com idade média de 3 anos e 9 meses de ambos os sexos. O objetivo da pesquisa era fornecer um quadro geral do comportamento das crianças e analisá-lo em função de: idade, sexo, local de atividade e outras variáveis. Foi usada a técnica de amostragem temporal da atividade de recreação livre, sendo obtidas doze amostras de cinco minutos para cada criança. Foram comparados os registros feitos dentro do prédio e no pátio. Os resultados dessa comparação indicam que no pátio, por apresentar uma área para brincar maior, ocorreu redução da densidade de grupo, observando-se com maior frequência os comportamentos de: correr, brincar com movimento, riso, sorriso, brincadeira turbulenta, perambular sozinho sem fazer nada. Observou-se com menor frequência brincar parado, olhar fixo, chupar o dedo e comportamentos agressivos.

Como a maior parte das pesquisas, com exceção dos trabalhos de Castro (1979) e Eibl-Eibesfeldt (1974), foram realizadas com crianças norte-americanas e inglesas é necessário averiguar em que medida os resultados podem ser estendidos para outros grupos culturais.

Por outro lado, uma forma relativamente nova de cuidado infantil que precisa ser investigada é a oferecida por instituições como creches e escolinhas, onde as crianças estão passando cada vez mais tempo. Progressivamente essas instituições estão substituindo os cuidados dispensados antes no núcleo familiar e introduzindo uma nova figura no cotidiano das crianças: as "tias" ou pajens, sem falar no contato cada vez mais precoce com diversos coetâneos. É preciso investigar que mudanças comportamentais esta nova forma de atendimento pode trazer.

O objetivo da presente pesquisa foi investigar a frequência e a forma de incidentes agressivos em pré-escolares, examinando sua relação com as variáveis sexo e contexto de expressão daqueles comportamentos. Foram considerados como incidentes agressivos os eventos em que uma criança se comportava física, verbal ou gestualmente de forma a ferir os interesses da outra criança ou a conflitar claramente com eles (Smith & Green, 1975).

Método

Sujeitos

Os sujeitos foram vinte pré-escolares, 10 meninos e 10 meninas, com idades entre 5 anos e 11 meses e 6 anos e 10 meses. As crianças pertenciam a uma mesma classe de uma creche pública, situada na zona Oeste de São Paulo, que atendia uma população de baixa renda, proveniente de duas favelas. Ficavam na creche em período integral e tinham pelo menos três anos de experiência na instituição.

Ambiente físico

As sessões foram feitas em três ambientes: (a) sala de aula, que media 16 metros quadrados contendo: três mesas grandes, quarenta e três cadeiras, um armário, um filtro, cabides afixados na parede e um quadro negro; (b) pátio, medindo 190 metros quadrados, uma área interna da creche que servia para recreação do pré, maternal e jardim; (c) fora da creche, um campo gramado de aproximadamente 1.860 metros quadrados de um parque público.

Ambiente social

A creche abrigava 160 crianças na faixa etária de 4 meses a 6 anos e 11 meses, distribuídas em: berçário, mini-grupo, maternal I, maternal II, jardim I, jardim II e pré. Cada sala contava com duas pajens, com exceção do berçário que contava com quatro pajens. Além das pajens, outras pessoas que lidavam constantemente com as crianças eram as professoras (duas) e a vice-diretora.

A rotina da creche envolvia: café da manhã, atividade em sala, recreio, higiene para o almoço, almoço, sesta, recreio, merenda da tarde, higiene para saída, saída. Uma ou duas vezes por semana, dependendo do tempo, as crianças eram levadas, pelas pajens, para passear em um parque público vizinho.

Na sala de aula, as crianças distribuíam-se nas três mesas, em média quatorze em cada mesa. Após a chamada, feita pela vice-diretora, uma das pajens ia buscar o dever do dia com a professora, enquanto a outra distribuía lápis e borrachas. As pajens revezavam-se nas atividades de passar a lição no quadro e vistoriar os cadernos. A criança que fosse encontrada conversando ou sem fazer a lição era advertida que poderia ficar sem a hora do recreio. As atividades em sala, eram variadas, incluindo: colagens, leitura de histórias, cópia do quadro, escrever o nome, escrever os números, cantar, representar e pintar. Todos os dias, pela parte da manhã, eram realizadas atividades em sala sendo a prioritária fazer a criança escrever seu nome. Outro aspecto a ser assinalado foi a presença constante de uma criança perto de outra, por vários dias, o que talvez seja indício de preferências por parte delas.

De frente para a sala encontrava-se um pátio onde não havia brinquedos fixos. As crianças brincavam quase sempre sem a direção das pajens. A brincadeira mais freqüente era "corre-atrás". Quando eram dados brinquedos (tais como bolas, bonecas, carrinhos, jogos de montar e corda), apareciam corrida de carrinho, futebol e cabo de guerra. Algumas vezes as crianças utilizavam giz para desenhar no chão. Durante estas atividades notou-se a formação de duplas e grupos com quatro ou cinco crianças de mesmo sexo. Somente quando as pajens coordenavam a brincadeira como, por exemplo, pular corda, observou-se meninos e meninas brincando juntos.

As interações das crianças com outras menores eram pouco freqüentes, ocorrendo apenas em ocasiões em que

estas encontravam-se no percurso da brincadeira. A interação resumia-se à criança maior carregar a menor para outro local.

As interações das pajens com as crianças restringiam-se a cuidados físicos como: amarrar os sapatos, limpar o nariz, tirar o moletom e distribuir a merenda. Na maior parte do tempo ficavam conversando entre si, em pequenos círculos, monitorando à distância seus alunos. Interferências em brigas ocorriam raramente, só acontecendo quando uma criança gritava ou apresentava ferimentos.

O parque era uma área gramada próxima à creche, cercada de árvores. Nesse local as crianças podiam ser observadas: coletando sementes, brincando com terra e folhas, rolando na grama, puxando folha grande com outra criança em cima e brincando de pega-pega. As crianças interagiam mais freqüentemente em trios, com exceção de brincadeiras como futebol e pega-pega, onde o número de elementos dos grupos era aumentado.

Notou-se também que, quando outro grupo estava usando o mesmo local, as crianças ficavam mais receptivas às crianças de outra sala, comparando-se com situação similar em pátio.

As pajens ficavam sentadas na borda do gramado conversando ou fazendo uma atividade particular (crochê, bordado, lição do colégio). Quase nunca dirigiam brincadeiras.

Procedimento

Antes do início das observações, a pesquisadora realizou um período de habituação, objetivando conhecer o ambiente e tornar-se familiar às crianças. Esse período foi também utilizado para escolher os sujeitos (aleatoriamente) e coletar informações sobre eles (idade, tempo na creche e número de irmãos).

Após duas semanas de visitas diárias a instituição, as observações foram iniciadas, utilizando-se o método de sujeito focal (Altmann, 1974). Cada criança foi observada por quinze minutos nos três contextos (sala, pátio e externo) em dias alternados, e seu comportamento registrado cursivamente. As observações foram realizadas pela parte da manhã, entre 8:30 e 10:30, evitando-se observar o sujeito mais de uma vez, por sessão, no mesmo local.

Foram feitas para todos os sujeitos: quatro sessões em pátio, uma em sala e uma externa perfazendo um total de 120 observações, somando 1.800 horas. A discrepância no número de sessões em sala e parque deveu-se a dois fatores: as pajens começaram a ficar incomodadas com as anotações que eram feitas durante a atividade em sala e houve um período frio e chuvoso que dificultou a saída das crianças para o parque.

Os episódios em que a criança focal iniciou um incidente agressivo foram classificados quanto à sua natureza conforme descrito a seguir.

Agressão Física (AF) - incidentes em que uma criança comporta-se de forma a provocar dor ou dano físico à outra. Inclui os comportamentos: segurar, esfregar (papel, giz), puxar, arranhar, apertar ou torcer, beliscar, bater com a mão,

socar, chutar e pisar, cair sobre o outro, engalfinhar-se, disputar objeto, tomar objeto, bater com objeto.

Agressão Verbal (AV) - incidentes em que uma criança dirige insultos ou xingamentos a outra.

Agressão Gestual (não verbal e sem contato físico) (AG) - incidentes em que uma criança comporta-se de forma a ameaçar a outra por meio de posturas ou gestos. Inclui: olhar com desafio, cuspir, atirar objeto em direção, fazer gesto de luta, perseguir.

Resultados e Discussão

Engajamento em incidentes agressivos em função do sexo

Calculou-se o total de incidentes agressivos iniciado por criança, agrupando-se os dados das sessões de pátio, sessão de sala e sessão externa. Obteve-se uma somatória de 179 incidentes (sendo 133 iniciados por meninos e 46 por meninas). Constatou-se que os meninos iniciaram 74% dos incidentes. Estes resultados replicam os dados das pesquisas com crianças americanas e inglesas.

A análise estatística mostrou que os meninos iniciaram significativamente mais incidentes agressivos que as meninas (Teste de Mann-Whitney, $U = 15,5; /? < 0,05$), o que está de acordo com os achados de Maccoby e Jacklin (1980). Chama atenção, no entanto, a existência de grandes diferenças individuais. Entre os meninos, os mais agressivos foram Jea, Fer e Bru com um total, respectivamente, de 31, 21 e 17 incidentes em 90 minutos de observação. Os menos agressivos foram Hen, Fab e Tia com escores, respectivamente de 3, 6 e 6 incidentes. Entre as meninas, as mais agressivas foram Jul, Elo, Cam e Joe com escores, respectivamente, de 12, 8, 7 e 7. As menos agressivas foram Car, Sar e Eva, com escores, respectivamente, de zero, 1 e 1. Apesar de os meninos iniciarem mais incidentes agressivos que as meninas há aqueles que são pouco agressivos, comparando-se ao grupo das meninas. Também encontramos meninas muito agressivas.

A Figura 1 mostra as várias categorias de agressão distribuídas em função de sexo. Observa-se que os meninos utilizaram preferencialmente agressão física (68,6%) seguida por agressão gestual (41,4%). Também entre as meninas predominou a agressão física (69,6%) vindo a seguir agressão gestual (21,7%).

As meninas, da mesma forma que os meninos, tiveram um percentual alto de agressão física, apresentaram agressão verbal que esteve ausente nos meninos, e apresentaram um índice de agressão gestual inferior ao dos meninos. Esse dados contradizem os achados de Durrett (1959), Green (1933), Jersild e Markey (1935), McIntyre (1972) e Walters, Pearce e Dahms (1957), segundo os quais meninas exibem preferencialmente agressões verbais em oposição a agressões físicas.

Uma possível explicação para nosso grupo de meninas ter utilizado mais agressão física que outras formas de

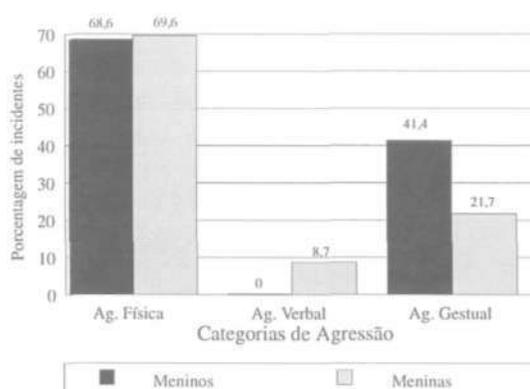


Figura 1. Formas de agressão usadas pelos meninos e meninas.

agressão, talvez esteja na extrema eficácia do comportamento no contexto. Considerando que foram os meninos que mais iniciaram incidentes com agressão física, sendo bem sucedidos em seus ataques, pois a resposta usual da vítima em tais circunstâncias foi afastar-se da situação, essa forma de agressão mostrava-se bastante sedutora, quando se queria iniciar um incidente. Esta eficácia parece associar-se ao fato de, na instituição, as educadoras (pajens) quase nunca interferirem nos incidentes, mesmo quando ocorrem apelos por parte das vítimas. Talvez por isso nossos dados sejam tão díspares dos encontrados na literatura. A responsividade de professores ou pajens a incidentes agressivos ajuda a transmitir normas sociais, sobre quais comportamentos são apropriados e permitidos para meninos e meninas.

Engajamento em incidentes agressivos em função de variáveis situacionais

Calculando separadamente a porcentagem de incidentes agressivos iniciados em cada uma das três situações de observação, verificou-se que: no pátio a porcentagem de agressão (82,1%) foi maior que no ambiente externo (17,9%), e na sala de aula não foram registrados incidentes.

As diferenças na porcentagem dos incidentes em cada contexto podem ser discutidas tomando por base três critérios: espaço físico, possibilidade de interação e interferência da educadora (pajem, restrita a direcionamento de atividade).

Na sala, sempre eram passados exercícios de contar, escrever ou pintar e quem fosse visto conversando era advertido pela pajem, que podia transferir a criança de lugar, mandar que ficasse de cabeça baixa ou ameaçá-la de ficar em sala na hora do recreio. Assim, a tarefa dada para cada criança neste contexto delimitava o seu espaço, que se restringia a seu local na mesa e cadeira, reduzindo as possibilidades de interação. Isto era agravado pela constante interferência da pajem para que fossem cumpridas as tarefas. Assim, é compreensível a total ausência de agressão nesta situação.

O pátio era um ambiente maior que a sala, com objetos e recursos precários enquanto estímulos convidativos para brincar. Acreditamos que esse fato proporcionava um fluxo

maior de interação (sem falar que os próprios congêneres seriam parceiros preferenciais de interação). A pajem, neste contexto, pouco interferia. Como um dos pré-requisitos para ocorrer agressão é a interação, este contexto oferecia uma maior probabilidade de ocorrência de incidentes agressivos.

Na situação externa o espaço era bastante amplo. Em comparação com os outros dois ambientes, o ambiente era mais rico em estímulos convidativos à exploração, além da novidade em relação à rotina diária. Esse fato parece ter conduzido a um fluxo menor de interação entre as crianças e quando ocorreu, restringiu-se ele a grupos firmemente constituídos. Nesse contexto a interferência da pajem foi mínima.

Dados relatados na literatura mostram diferenças comportamentais relacionadas com o local de observação. Em pré-escolares, Smith e Connolly (1981) observaram maior frequência dos comportamentos de correr, brincar com movimentos, riso, sorriso, brincadeira turbulenta e menor frequência dos comportamentos de brincar parado, olhar fixo, chupar o dedo ou comportamentos agressivos ao ar livre em comparação com os ocorrentes dentro do prédio da creche. Nossos dados corroboram os desta pesquisa, uma vez que no pátio foram registrados aproximadamente quatro vezes mais episódios agressivos que no ambiente externo.

Podemos concluir que quanto mais rico o ambiente, no sentido de possuir estímulos atrativos e convidativos para explorar e brincar, menos interações agressivas serão observadas. Em algumas creches de São Paulo foram introduzidas áreas com criações (patos, galinhas, coelhos, porcos), onde as crianças participam da alimentação e limpeza dos animais. Um ambiente mais propício a descobertas pode ser menos convidativo a agressões.

A Figura 2 mostra a distribuição das formas de agressão em função do contexto de observação. No pátio predominou a forma física (67%), sendo seguida pela agressão gestual (31%) e verbal (3%). Na situação externa foi a forma gestual (62,5%) que predominou sobre a física (37,5%), estando ausente a forma verbal.

É interessante ressaltar a inversão que ocorreu na distribuição dos incidentes em função do contexto. A porcentagem de agressão física no ambiente externo assemelha-se à porcentagem de agressão gestual no pátio, enquanto a porcentagem de agressão gestual no ambiente externo aproxima-se da porcentagem de agressão física iniciada no pátio. Uma possível explicação para essa inversão pode estar ligada ao aumento do espaço. Em espaço restrito como o pátio, agressões físicas são mais prováveis, pela proximidade do adversário. Com o aumento do espaço as crianças ficam mais dispersas e nesse contexto agressões gestuais, como atirar um objeto em direção e fazer gesto de luta, seriam mais vantajosas pela economia de energia que proporcionaria ao agressor.

O cruzamento das duas variáveis (sexo e contexto) forneceu os seguintes resultados:

a. a diferença sexual detectada, analisando-se o conjunto dos dados, foi replicada analisando-se apenas os dados

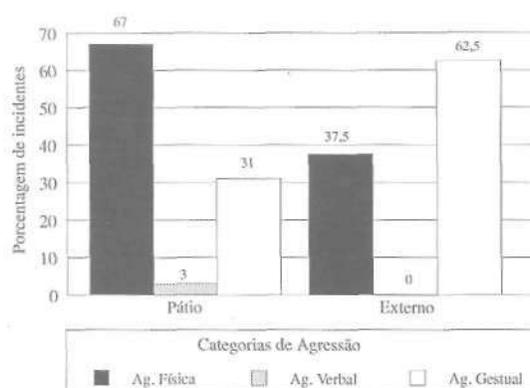


Figura 2. Formas de agressão observadas nos vários contextos.

- da situação externa ($U = 10,0$; $p < 0,002$), não se encontrou diferença sexual significativa na situação de pátio, quer analisando-se os dados da primeira sessão de observação ($U = 45,0$; $p < 0,05$), quer analisando-se as médias das quatro sessões de observação ($U = 33,5$; $p < 0,05$);
- b. na situação de pátio meninos e meninas utilizaram preferencialmente agressão física;
- c. na situação externa apenas os meninos iniciaram incidentes e utilizaram predominantemente a forma gestual.

Os resultados deste estudo, além de contribuir para uma perspectiva teórica a respeito das diferenças sexuais na frequência e forma da agressão, podem ser utilizados por educadores (creches ou escolas) para planejamento de espaços e atividades infantis.

Pretende-se, em continuação ao presente estudo, analisar mais detalhadamente os comportamentos que fazem parte da categoria agressão física, em ambos os sexos, e os motivos que desencadeiam os incidentes. A coleta de dados será prosseguida focalizando uma faixa etária menor (3-4 anos) com o objetivo de investigar a ontogênese do comportamento agressivo. Serão feitas também comparações em função de classe social.

Referências

- Altmann, J. (1974). Observational study of behavior: sampling methods. *Behavior*, 49, 227-267.
- Bandura, A., Ross, L. & Ross, L.A. (1963). Imitation of film-mediated models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66, 3-11.
- Barrett, D.E. (1979). A naturalistic study of sex differences in children's aggression. *Merrill-Palmer Quarterly*, 25, 193-203.
- Blurton-Jones, N. (1981). Categorias de interação criança-criança. Em N. Blurton-Jones (Org.), *Estudo etológico do comportamento da criança* (pp. 101-133). São Paulo: Pioneira.
- Blurton-Jones, N.G. & Konner, M.J. (1973). Sex differences in the behavior of Bushman and London two-to-five-year-olds. Em R.P. Michael & J.H. Crook (Orgs.), *Comparative ecology and the behavior of primates* (pp. 689-749). New York: Academic Press.

- Buss, A.H. (1961). *The psychology of aggression*. New York: Wiley.
- Castro, M.F. (1979). Um estudo sobre incidentes agressivos entre crianças durante atividade livre em pré-escolas. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dawe, H.C. (1934). An analysis of two hundred quarrels of preschool children. *Child Development*, 5, 139-156.
- Dollard, J., Doob, L.W., Miller, N.E., Mowrer, O.H. & Sears, R.R. (1976). Frustração e Agressão. Em E.I. Megargee & J.E. Hokanson (Orgs.), *A dinâmica da agressão: análise de indivíduos, grupos e nações* (pp. 27-47). São Paulo: Editora Pedagógica Universitária.
- Durrett, M.E. (1959). The relationship of early infant regulation and later behavior in play interviews. *Child Development*, 30, 211-216.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1970). *Ethology: The biology of behavior*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Green, E. (1933). Group play and quarreling among preschool children. *Child Development*, 4, 302-307.
- Hatfield, J.S., Ferguson, L. R. & Alpert, R. (1967). Mother-child interaction and the socialization process. *Child Development*, 38, 365-414.
- Jersild, A.T. & Markey, F.V. (1935). *Conflicts between preschool children*. *Child Development Monographs*, N° 21, New York: Teachers College, Columbia University.
- Lorenz, K. (1973). *A agressão: uma história natural do mal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Maccoby, E.E. & Jacklin, C.N. (1980). Sex differences in aggression and modeling in preschoolers. *Child Development*, 39, 221-236.
- McCabe, A. & Lipscomb, T.J. (1988). Sex differences in children's verbal aggression. *Merrill-Palmer Quarterly*, 34, 389-401.
- McGrew, W.C. (1972). *An ethological study of children's behavior*. New York: Academic Press.
- McIntyre, A. (1972). Sex differences in children's aggression. *Proceedings of 80th Annual Convention of the American Psychological Association*, 93-94.
- Roff, M. & Roff, L. (1940). An analysis of the variance of conflict behavior in preschool children. *Child Development*, 11, 43-60.
- Smith, K.P. & Connolly, K. (1981). Brincadeiras e interação social em crianças de idade pré-escolar. Em N. Blurton-Jones (Orgs.), *Estudo etológico do comportamento da criança* (pp. 67-100). São Paulo: Pioneira.
- Smith, K.P. & Green, M. (1975). Aggressive behavior in English nurseries and play groups: Sex differences and response of adults. *Child Development*, 46, 211-214.
- Strayer, F.F., Moss, E.S., Trudel, M. & Jacques, M. (1986). Activités agonistiques durant les années préscolaires. Em J.L. Camus & J. Cosnier (Orgs.), *Ethology and psychology* (pp. 67-76). Toulouse: Privat, J. E. C.
- Walters, J., Pearce, D. & Dahms, L. (1957). Affectional and aggressive behavior of preschool children. *Child Development*, 28, 15-26.
- Whiting, B. & Edwards, G.P. (1973). A cross-cultural study of sex differences in the behavior of children aged three through

Recebido em 10.08.1993
 Primeira decisão editorial em 27.01.1994
 Versão final em 24.07.1995
 Aceito em 24.07.1995 •